



Província Marista Brasil Centro-Norte UBEE-UNBEC



CELEBRAR A VIDA

Caros educadores e educadoras maristas,

Falta apenas um mês para que nós e nossos educandos nos encontremos em Taguatinga/DF, na III Olimpíada Marista. No caminho de preparação para esse evento, fomos provocados a reafirmar nossa convicção de que "A vida vale mais". Anteriormente, refletimos sobre a cultura da vida e sua promoção. Agora, o convite é para celebrarmos a vida em todas as suas manifestações: plantas, animais, seres humanos, meio ambiente, cosmos.

Um olhar à nossa volta nos faz perceber que a vida precisa de mais cuidado: estamos nos acostumando a deixar de perceber seu valor. A violência assusta pela banalidade, já fazem parte do dia-a-dia as notícias de assaltos, mortes, drogas... As grades vão se tornando mais e mais necessárias para nos proteger das outras pessoas. Desigualdade e miséria parecem ter se tornado parte da nossa estrutura social. Moradores de rua e mendigos – muitos deles crianças – são vistos como parte da paisagem urbana. Corrupção e impunidade se fizeram tão presentes em nosso cotidiano que aumentam nossa descrença na eficácia da justiça. A devastação ambiental é acobertada pela lei em nome do lucro, conflitos étnicos, xenofobia, crimes de ódio e guerras entre nações não causam mais espanto, são parte fixa dos noticiários. Que vida há para celebrar, nesse contexto?

A banalização da vida traz um grande apelo para nós, educadores e educadoras maristas. Temos sob nossa responsabilidade boa parte da vida dos educandos e educandas que estão em nossa comunidade educativa. Muito do que eles estão se tornando depende da forma como desempenhamos nossa tarefa educativa. Marcelino Champagnat, ao criar o Instituto, nos convocou a assumir a tarefa de educadores com um diferencial: o da educação integral, explicitada no documento "Missão Educativa Marista", que considera todas as dimensões humanas no processo educativo e une fé, cultura e vida.

Conceber a tarefa educativa como missão implica entender que nosso papel não é simplesmente transmitir conhecimentos úteis para que nossos educandos sejam aprovados no vestibular. Somos chamados a ser mediadores de um conhecimento que ajude nossos educandos e nós mesmos a desenvolver uma visão crítica do mundo e nos tornar cidadãos atuantes numa sociedade sustentável, justa e solidária. Conhecendo a vida de Champagnat, podemos afirmar que ele não desejava apenas professores, mas educadores. E não queria

simplesmente alunos, mas educandos conscientes de seu papel de cuidadores e defensores da vida.

Isso nos leva a questionar: Que conceito de vida traduzimos em nossa prática educativa? E que postura diante dessa prática estamos desenvolvendo em nossa relação com os educandos maristas? O racionalismo iluminista pregou a dessacralização da vida, eliminando todo traço de transcendência. Se concordamos com essa afirmação e acreditarmos que o ser humano é a medida de todas as coisas, colocamos na realidade o próprio sentido dela e justificamos a vida se tornar como sempre tem sido – sem motivo para celebração. Nessa postura, o que nos cabe é a resignação diante do cenário desolador que vivemos. Se, ao contrário, enxergamos na vida uma centelha de algo maior, que muitas vezes nem conseguimos traduzir em palavras, tomamos consciência do que afirmou o XX Capítulo Geral do Instituto Marista: “Somos consagrados para a vida do mundo, a fim de que a vida cresça cada vez mais e a tenhamos em abundância”.

Temos uma contribuição a dar no processo de construção do novo homem, da nova mulher e do outro mundo possível. E nossa esperança – e compromisso – é que a educação colabore para que a vida seja uma celebração da diversidade, da cultura, da arte, da corporeidade, da convivência, da descoberta, da fraternidade, das inter-relações, da humanização. Assumindo a missão educativa a partir desta perspectiva, encontramos motivação para celebrar as possibilidades escondidas na realidade em que vivemos.

E porque a vida vale mais, queremos:

- Relações menos fragmentadas e mais humanas.
- Menos consumo, mais qualidade de vida.
- Menos reclamação inútil, mais sentido de co-responsabilidade.
- Menos segregação, mais comunhão.
- Menos cartesianismo, mais visão holística do mundo.
- Educação integral, não tecnicista.
- Vida menos corrida e mais usufruída.

Utopia? Talvez. Mas sem esse toque de esperança nas transformações, a educação simplesmente reafirma a manutenção de uma sociedade que não valoriza a vida. Queremos educar para que a vida seja celebrada, cuidada, multiplicada. E, caso algum de nós esteja carente de esperança, aproveito as palavras de um grande profeta dela, Dom Pedro Casaldáliga: “Todos aqueles e aquelas que tentam/ viver uma vida coerente e nova/ como a aurora de cada dia/ alegrem-se com o que de novo tem feito/ e ainda sempre fará/ o Deus da novidade”.

Que Ele, o Senhor da Vida, nos torne sempre celebrantes dela em nossa prática educativa, nossas relações, nossa presença no mundo. E que esta Olimpíada seja, pelo esporte, pela arte, pelo trabalho conjunto nas Unidades e nas equipes, uma grande celebração da Vida.

Um abraço,

Eder D'Artagnan

Analista de Pastoral – Comissão de Evangelização